



## **Pesquisa Participativa de Base Comunitária (PPBC) como ferramenta de avanço em pesquisas envolvendo comunidades<sup>1</sup>**

Joseane Terto de SOUZA<sup>2</sup>  
Leandro Leonardo BATISTA<sup>3</sup>  
Universidade de São Paulo, São Paulo, SP

### **RESUMO**

A pesquisa participativa de base comunitária na sua concepção desenvolve a ideia de um proceder metodológico que envolve a comunidade em todas as suas fases de aplicação, desde a definição de sua necessidade até a implementação das intervenções eventualmente propostas. A metodologia desta pesquisa é capaz de traduzir em resultados para a comunidade o diálogo entre a academia e o grupo foco do estudo. Ainda pode possibilitar um aumento da auto-eficiência da comunidade tanto em relação à solução de um problema específico quanto a desenvolver autonomamente novos projetos de pesquisa.

**PALAVRAS-CHAVE:** metodologias; PPBC; comunidades em risco.

### **1. Introdução**

O pesquisador ao delinear a sua investigação se depara com várias possibilidades de abordar o objeto a ser estudado, para tal é necessário escolher uma metodologia a ser aplicada em seu trabalho que seja apropriada para a sua concretização. De uma forma geral, essas escolhas acontecem entre metodologias qualitativas e quantitativas.

O primeiro tipo possibilita o estudo de questões que não se deseja quantificar, como, por exemplo, os anseios, os sentimentos, as motivações, as crenças e as atitudes individuais que fazem parte do contexto das relações sociais. Além disso, a pesquisa proposta não tem como meta uma representação numérica do grupo pesquisado, e sim a sua compreensão enquanto agrupamento social. Na qualitativa, a quantidade é substituída pela profundidade, ou seja, importa mais analisar uma temática a fundo e

---

1 Trabalho apresentado no GP Comunicação e Desenvolvimento Regional e Local (DT7), evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

2 Pesquisadora da ECA-USP e membro do GPEC: Grupo de Pesquisa em Efeitos da Comunicação, email: joseane.terto@gmail.com.

3 Professor da ECA-USP e membro do GPEC: Grupo de Pesquisa em Efeitos da Comunicação, email: leleba@usp.br.



sob diferentes prismas, em toda sua complexidade, do que quantificar pessoas, animais, edificações, entre outros, como afirma Howard Becker (BECKER, 1994, p. 178).

Os métodos quantitativos permitem mostrar, por meio de amostras representativas, quantas pessoas de uma determinada população compartilham uma característica ou um grupo de características. Além disso, é muito utilizado na busca da relação entre variáveis, assim como na investigação da relação de causalidade entre fenômenos (OLIVEIRA, 2002, p. 54).

O que a aplicação destes métodos tem em comum, nas pesquisas tradicionais, é o fato de servirem ao propósito da pesquisa que é definido pelo(s) pesquisador(es). Assim a definição do problema, o método de pesquisa e a divulgação dos resultados são aspectos que partem “de cima para baixo”, ou seja, de alguém em geral estranho à comunidade pesquisada.

Porém, o mundo contemporâneo é feito de uma pluralidade de mundos coexistentes e conectados, por onde passam relações de sentido e imensas (trans)formações identitárias e representações de alteridade. Refletindo sobre essa pluralidade das sociedades, pesquisadores americanos, por volta dos anos 80, apresentaram uma alternativa às pesquisas “tradicionais” da área de prevenção de saúde, na qual encorajavam a parceria entre os membros de uma comunidade e os pesquisadores na definição do objeto a ser estudado, como isto deve ser feito e o que deve ser comunicado à sociedade; a esta forma de pensar os elementos comunitários no problema levantado, chamaram de Pesquisa Participativa de Base Comunitária (PPBC) - tradução livre do termo CBPR: *Community Based Participatory Research*.

A Pesquisa Participativa de Base Comunitária (PPBC) é uma metodologia que visa o diálogo entre comunidade científica e a comunidade estudada. Em sua concepção está a ideia de desenvolver um proceder metodológico capaz de traduzir em resultados para a comunidade o diálogo entre a academia e o grupo foco de pesquisas.

É importante destacar que as suas aplicações podem ser as mais variadas, mas todas dirigidas a identificar problemas em uma comunidade e a partir das necessidades apontadas por esta, há o delineamento da pesquisa buscando a solução dos problemas, definida tanto pela comunidade como pelos pesquisadores.

Apesar de alguns conceitos próximos, esta metodologia não deve ser confundida com a etnografia, pois esta “[...] consiste em dirigir-se ao povo que se pretende estudar,



escutar as conversas, visitar os lares, assistir aos ritos, observar o comportamento habitual, interrogar sobre as tradições para obter, mediante o conhecimento direto dos modos de vida, uma visão de conjunto da cultura ou analisar algo especial da mesma. Os dados obtidos lançarão luz sobre os problemas essenciais da natureza e funcionamento da cultura e do comportamento social humano” (LIMA; DUPAS; OLIVEIRA; KAKEHASHI, 2006, p. 23).

Entende-se que a etnografia observa aspectos importantes da comunidade, mas não avança na busca de estratégias e orientações para melhorar os resultados pesquisados em comunidades de risco, ou seja, comunidades que por vários fatores, entre eles os ambientais como a contaminação dos solos de lixões, exposição ao chumbo, a fatores radioativos, como também a elementos sócio-culturais, por exemplo, falta de escolas, prostituição, violências, entre outros estão expostos a riscos. Já a PPBC é “[...] uma metodologia que promove o envolvimento comunitário em processos que moldam estratégias de pesquisa e intervenção, como também na direção dos estudos de pesquisa” (O’FALLON; DEARRY, 2002, p. 155).

Nos Estados Unidos, a PPBC focou a parceria entre pesquisadores e moradores de comunidades em temas ligados à saúde ambiental, na busca por melhorias nas pesquisas básicas etiológicas (das causas), como também o desenvolvimento de novas abordagens à pesquisa de prevenção. Exemplo disso é o artigo “Salões de beleza” (LINNAN; FERGUSO 2007, p. 517-530), no qual informa a experiência que cabeleireiras negras foram utilizadas como agentes de saúde para a prevenção da Aids numa comunidade de negros.

A PPBC pode também ser reforçada pelo marketing, pois pode oferecer oportunidades para criar, administrar e realizar ações mais concretas, por exemplo, na área de saúde de populações em risco, produzindo mais atenção, apelo e capacidade de memorização (KOTLER; LEE, 2007, p. 218).

O importante é que pelo diálogo mediado pelos pesquisadores a comunidade desenvolve parcerias na tentativa de resolver um problema do local. “O que se pretende com o diálogo, em qualquer hipótese (seja em torno de um conhecimento científico e técnico, seja ‘experimental’), é a problematização do próprio conhecimento em sua indiscutível reação com a realidade concreta na qual se gera e sobre a qual incide, para melhor compreendê-la, explicá-la, transformá-la” (FREIRE, 2002, p. 52).



Desse modo, tanto os moradores como os pesquisadores se beneficiariam com as pesquisas desenvolvidas sob as diretrizes do método PPBC, no qual ambos contribuem, aprendendo um com outro.

## **2. As noções conceituais de comunidade na PPBC**

O foco na PPBC é a comunidade. Na verdade para Liam R. O’Fallon e Allen Dearry (O’FALLON; DEARRY, 2002, p. 155-159), o termo comunidade permite várias interpretações por causa de suas dimensões construídas socialmente, as quais podem abranger desde uma população étnica a moradores de uma cidade. Por causa de sua natureza dinâmica e diversa, nenhuma definição de comunidade pode ser aplicada a toda situação. Para os autores, é importante, em última análise, que comunidade seja definida pelas pessoas cuja causa seja a mais propensa a ser afetada pela pesquisa.

Logo, o local em que nascemos compõe uma das primordiais fontes de identidade cultural, porém esta é uma construção simbólica, um discurso que adquire sentido por meio da representação. Com isso, a definição de ‘comunidade’ se dá de forma metafórica, o reconhecimento se faz como um processo de simbolização e de representação.

Para Marc Augé, o lugar é necessariamente histórico a partir do momento em que, conjugando identidade e relação, ele se define por uma estabilidade mínima. Por isso é que aqueles que nele vivem podem aí reconhecer marcos que não precisam ser objetos de conhecimento (AUGÉ, 1994, p. 53).

Milton Santos completa, ainda, que a configuração territorial é dada pelo conjunto formado pelos sistemas naturais existentes em um dado país, ou em uma dada área, e pelos acréscimos que os homens super impuseram a esses sistemas naturais. A configuração territorial não é o espaço, já que sua realidade vem da sua materialidade, enquanto o espaço reúne a materialidade e a vida que a anima. A configuração territorial, ou configuração geográfica, tem, pois, uma existência material própria, mas sua existência social, isto é, sua existência real, somente lhe é dada pelo fato das relações sociais (SANTOS, 1996, p. 62).

Assim, a comunidade pode ser entendida como um grupo que se reconhece como sujeitos afetados por determinado problema, dentro de um contexto. O



“autorreconhecimento” é frequentemente uma identidade construída ou reconstruída como resultado, em parte, de processos de contatos com a sociedade.

Na comunidade está implicada a idéia de uma continuidade, derivada não de atributos de uma entidade ou da propriedade de uma substância comum (seja sangue, território, um laço cultural, etc.), e sim da partilha de um *munus*, que é a luta comum pelo valor, isto é, pelo que obriga cada indivíduo a obrigar-se para com o outro. Tal é a dívida simbólica, transmitida de uma geração para outra por indivíduos imbuídos da consciência de uma obrigação [...] (SODRÉ, 2002, p. 178).

Tomando como base essa ideia de mútua obrigação, a definição de comunidade originada na própria população sendo observada, permite uma maior coesão dos indivíduos atingidos, e a comunidade se insere na PPBC para garantir maior participação para que o projeto desenvolvido e a intervenção possam ser elaborados de uma maneira culturalmente apropriada. Desenvolvendo temas e soluções dentro dos interesses dos membros comunitários.

### 3. Discussão do método

Como já dito, a comunidade é parte essencial na metodologia PPBC – os projetos devem ser erigidos com base em necessidades identificadas pelo grupo.

As aplicações podem ser as mais variadas, mas todas dirigidas a identificar problemas em uma comunidade e a partir das necessidades apontadas por esta, há o delineamento de uma solução do problema levantado pela comunidade. Porém, sem esquecer que por viver em um tempo de globalização, em que há um processo de “hibridação” e “fragmentação” (HALL, 2003) nas configurações culturais, faz-se necessário repensar a questão comunidade-território, exprimindo o conflito entre o universal e o particular. “As transformações atuais do espaço parecem reformular as relações de territorialidade na dimensão da consciência do território e da identidade” (SANTOS, 1996, p. 12).

A PPBC é um método desenvolvido pelo *National Institute of Environmental Health Sciences (NIEHS)* dos EUA, na busca por meios que atuem pela dinâmica da pesquisa de campo, para desenvolver novas formas preventivas de tratamentos de saúde,



principalmente naquelas comunidades menos favorecidas por atendimento médico e sócio-economicamente desprotegidas. Assim, o próprio instituto a define como: “a metodologia que promove um envolvimento ativo da comunidade no processo de moldar a pesquisa e as estratégias de intervenção, assim como na condução dos estudos de pesquisa” (O’FALLON; DEARRY, 2002, p. 155).

Os princípios que guiam este método são seis:

1. Promover colaboração e participação ativa da comunidade em estudo em todos os estágios da pesquisa. A idéia é facilitar uma percepção de propriedade da comunidade sobre a pesquisa, seus caminhos e seus resultados;
2. Promover troca de conhecimento. Este método oferece um ambiente no qual tanto os residentes da comunidade como pesquisadores contribuem com suas perspectivas e aprendem uns com os outros. Residentes aprendem como conduzir pesquisas e pesquisadores aprendem sobre os relacionamentos e preocupações da comunidade, que podem servir para gerar hipóteses e dirigir a coleta de dados;
3. Garantia de que os projetos são dirigidos para a comunidade. Ou seja, como as necessidades são levantadas pela comunidade isto garante um aspecto importante em projetos de prevenção que é focar nas preocupações daquela comunidade;
4. Disseminar os resultados em termos úteis e aplicáveis. No término dos projetos os resultados são comunicados aos parceiros em formato culturalmente apropriado, respeitoso e compreensível;
5. Garantir que a pesquisa e a intervenção sejam culturalmente apropriadas. Com a interação entre pesquisadores e a comunidade tanto na coleta dos dados como na análise e propostas de solução, temos um grande direcionamento para que os resultados obtidos tenham um “viés cultural”;
6. Definir o que é a comunidade, garantindo a identificação de suas unidades. Como esta definição parte do próprio grupo alvo da pesquisa, ela garante que os aspectos mais relevantes sejam considerados, evitando assim erros de observadores externos.

Muitas aplicações do método podem ser encontradas na literatura. O’Fallon e Dearry (O’FALLON; DEARRY, 2002, p. 155) citam cinco experiências nas quais foram utilizadas de forma bem sucedida a metodologia da PPBC. O primeiro relato é do projeto entre os trabalhadores rurais, plantadores de tabaco e os pesquisadores na prevenção a exposição a produtos químicos agrícolas.

A comunidade é parte essencial como parceira no projeto, mas isso não garante que uma organização de base comunitária consiga um maior envolvimento, por isso é



importante pensar em diferentes estratégias de participação. No projeto foram elaborados cinco modos de interação para garantir que a comunidade fosse ouvida: *a)* parceria com uma organização de base comunitária; *b)* um comitê consultivo; *c)* fóruns comunitários para os que mais participavam do projeto; *d)* apresentações públicas para os moradores menos participativos; e *e)* coleta de dados formativos (entrevistas para os pesquisadores levantarem as percepções relacionadas à saúde por parte de membros comunitários).

Na base comunitária, os pesquisadores desenvolveram duas intervenções, mas a mais eficiente foi aquela em que os membros junto aos promovedores da segurança no campo receberam treinamento em segurança agrícola para servir como um recurso para outros trabalhadores. É a comunidade olhando para suas necessidades.

A PPBC proporciona um ambiente no qual tanto os moradores quanto os pesquisadores contribuem com seu conhecimento e onde um aprende com o outro. Ao final deste projeto, o sucesso da parceria entre universidade e comunidade resultou na produção de um vídeo educativo em espanhol, patrocinado por empresas privadas, sobre o manejo do pesticida para os trabalhadores rurais.

No segundo projeto, pesquisadores trabalharam com moradores de um vilarejo rural no leste da Carolina do Norte para determinar a extensão da exposição desproporcional a substâncias perigosas, oriundas de criações intensivas de gado em comunidades, predominantemente, afro-americanas e pobres.

Moradores ajudaram os pesquisadores a coletar dados da população, comparando a criação de suínos. Depois em colaboração com os membros comunitários, pesquisadores elaboraram um questionário para coletar dados dentro de comunidades afetadas. Os resultados da pesquisa mostraram um aumento em relatos de dores de cabeça, nariz escorrendo, dor de garganta, tosse excessiva, diarreia e ardência nos olhos, comparados com os moradores de comunidades não localizadas perto de criações intensivas de gado.

Moradores e departamentos de saúde em outros estados americanos estão usando os métodos e resultados dessa pesquisa como importantes fatores na formulação de leis para protegê-los de exposições prejudiciais devido às criações intensivas de gado.

Na terceira pesquisa houve um estudo conjunto entre pesquisadores da Universidade de Columbia e moradores do Harlem, em Nova York, para demonstrar uma correlação entre altas concentrações de partículas de diesel e partículas finas provenientes de escapamentos nas calçadas no bairro. Esse tema era motivo de





preocupação crescente entre moradores por causa das altas taxas de asma em crianças. Moradores usaram os dados coletados do estudo para informar as autoridades da cidade do potencial risco à saúde.

Como resultado, autoridades fecharam uma estação de ônibus em grande proximidade com uma escola de primeiro grau. A Universidade de Columbia capacitou as mães para proteger seus filhos de riscos conhecidos de saúde ambiental, relacionados à asma, atraso no crescimento e desenvolvimento.

Na quarta pesquisa, pesquisadores da Universidade do Oregon trabalharam com famílias de trabalhadores rurais para alertar sobre a exposição de crianças aos pesticidas. Enquanto desenvolviam métodos para avaliar a função neuro-comportamental em crianças não falantes de inglês, desenvolviam materiais de educação culturalmente apropriados (em espanhol).

Encontros comunitários e compartilhamento dos dados com as famílias foram duas maneiras eficazes pelas quais os pesquisadores anunciaram aos membros da comunidade participante os resultados das pesquisas. Pesquisadores também desenvolveram um vídeo educacional, resultante dos grupos focais nos quais se discutiram as crenças e práticas de trabalhadores rurais. Esse vídeo é usado para educar famílias a respeito de como elas podem minimizar o contato com pesticidas dentro e fora das casas.

É fundamental focar a PPBC para o desenvolvimento de módulos de educação e comunicação apropriados, como vimos, as ferramentas de comunicação são elementos consideráveis, pois a educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a (re)significação dos significados para o desenvolvimento de outras perspectivas, bem lembra Freire (FREIRE, 2002, p. 69).

No último projeto, denominado de Obras Tribais Contra o Chumbo (OTCC), ao nordeste de Oklahoma, nos EUA, a PPBC assegurou que as estratégias de pesquisa e intervenção fossem apropriadas para a comunidade afetada pelo chumbo, com os moradores envolvidos no processo da pesquisa desde o começo por meio de um quadro consultivo comunitário.

Elaborando e conduzindo pesquisa de intervenção, cientistas trabalharam com a Associação de Mães e Pais da região. Este grupo comunitário selecionou estratégias de intervenção, e em colaboração com pesquisadores, desenvolveram materiais educacionais e atividades de alcance para abordar o tema do envenenamento infantil por





chumbo. O envolvimento de mães e pais foi muito vantajoso para a pesquisa, pois eles tinham acesso aos círculos sociais com os quais, de outra maneira, os cientistas não poderiam ter trabalhado. A pesquisa resultou em um projeto de caráter regulador e concernente a políticas de intervenção local e estadual.

Outro exemplo de utilização da PPBC foi das autoras Laura A. Linnan e Yvonne Owens Ferguso (LINNAN; FERGUSO 2007, p. 517-530), as quais utilizaram o salão de beleza, local importante para a comunidade para promoção de saúde entre mulheres negras americanas. Os salões são um dos lugares importantes para a comunidade (em levantamento), em que se conversa sobre assuntos diversos entre eles, a saúde.

Assim, a metodologia PPBC abordaria a questão da diversidade cultural e identitária na coabitação territorial em que os indivíduos estão/são cada vez mais mediados e influenciados pelos processos comunicacionais.

### **3.1. Vantagens**

Na metodologia PPBC há várias vantagens tanto para a comunidade como para os pesquisadores, entre elas podemos destacar uma maior quantidade e qualidade da coleta de dados, já que se estabelece uma confiança entre o grupo e os pesquisadores.

Outro ponto é que a participação da comunidade pode certificar que o estudo seja relevante e interessante tanto para os pesquisadores quanto para moradores afetados, pois sem uma questão de pesquisa mutuamente benéfica, o impacto do projeto na saúde pública provavelmente será menor.

Também se destaca a relevância dos dados, uma vez que as perguntas da pesquisa são baseadas em temas de importância tanto para pesquisadores como para a comunidade identificada, os dados coletados são mais passíveis de serem aplicáveis a hipóteses científicas sob o estudo.

Outro benefício é que comunidade dentro desta metodologia está concebida como uma rede de trabalho construída socialmente e assim pode colaborar com a disseminação dos achados. Esses esforços possibilitam aos resultados da pesquisa alcançar uma audiência, tanto de cientistas quanto do público leigo.



Se as questões de pesquisa são baseadas em interesses da comunidade e dados de qualidade são coletados, há uma maior probabilidade de que as descobertas possam essencialmente ser usadas para impelir uma política pública.

Por último, podemos destacar que por estar na comunidade o foco da pesquisa, os moradores podem adquirir novas habilidades para se tornarem líderes ou mesmo melhorar a sua liderança dentro da comunidade, o que pode dar uma maior sustentabilidade ao projeto.

É importante dentro do cenário apresentado que o pesquisador tenha a perspectiva de quem é o estranho quando se propõe a trabalhar com comunidades humanas. Sua sensibilidade com relação a essa questão é fundamental para aproximá-lo ou distanciá-lo da comunidade, da mesma forma que deve ter a clareza que jamais será igual aos membros do grupo que pesquisa. Não se pode ignorar a diferença, deve-se sim tirar o melhor proveito dela.

Porém, sem esquecer que a estrutura da comunicação (do diálogo a ser construído) é regida por um grande número de variáveis. As possibilidades de cruzamentos e ações práticas dentro dessas linhas são impossíveis de serem compreendidas por um único olhar, assim a PPBC poderia ser uma ferramenta para abarcar as diversas variáveis de uma comunidade e da comunicação.

A complexidade social, fruto, sobretudo, das comunicações, torna-se mais difícil de entender e de classificar, exigindo de todo o pesquisador um esforço redobrado para não cair no pecado capital mais comum: distorcer a realidade para torná-la aplicável *pari passu* com determinada teoria, como bem coloca Luís Mauro Sá Martino. (MARTINO, 2005, p. 14-15).

Outro item a ser considerado dentro da PPBC é que pesquisa deste método pode ser relacionada com o foco em auto-eficiência, utilizado para afetar as escolhas do indivíduo, assim como as suas percepções.

A auto-eficiência percebida é definida por Bandura (BANDURA, 1994, p. 71-81) como a crença do indivíduo sobre sua capacidade de atingir níveis de performances que possam influenciar os eventos que afetam suas vidas. Pessoas com alto nível de auto-eficiência observam situações adversas como desafios a serem enfrentados ao invés de ameaças a serem evitadas.



A percepção de auto-eficiência (*self-efficacy* conforme Bandura) altera a capacidade do indivíduo em controlar seu próprio funcionamento e outros eventos que afetem as suas vidas. Auto-eficiência afeta as escolhas feitas pelo indivíduo, seu nível de motivação, a qualidade das escolhas, seu poder de recuperação em situações adversas, vulnerabilidade ao estresse e à depressão.

Os fatores que afetam este construto podem ser relacionados com os aspectos discutidos sobre a PPBC:

- a. *Experiência própria*: como a pesquisa é feita com o auxílio da própria comunidade, tudo que nela é relatado tem como característica as experiências individuais;
- b. *Observando outros lidarem facilmente com o problema*: as experiências relatadas pelos membros da comunidade servem como indicações dos problemas e soluções disponíveis para o sujeito ;
- c. *Persuasão social do sucesso*: como a própria comunidade contribuiu com as pesquisas e soluções, existe uma grande expectativa de que o objetivo será atingido, trazidas pelos próprios membros da comunidade que estão envolvidos mais diretamente com as etapas do projeto;
- d. *Inferência dos estados emocionais*: em soluções geradas e implementadas pela própria comunidade observa-se uma expectativa de sucesso e um certo ufanismo, que por sua vez geram emoções capazes de facilitar o sucesso do que foi proposto.

#### **4. As atividades de marketing relacionada com a PPBC**

O uso de princípios e técnicas do marketing podem ser utilizados para influenciar uma comunidade a aceitar, modificar ou mesmo abandonar um determinado comportamento em benefício do coletivo, o qual se beneficia com a qualidade de vida.

Uma apropriação a metodologia da PPBC foi desenvolvida pela CBPM - *Community Based Prevention Marketing* – o termo pode ser traduzido de forma livre como Marketing Preventivo de Base Comunitária - a qual visa facilitar o uso das técnicas de marketing aplicadas em precaução de riscos sociais, por comunidades que enfrentam problemas que exijam modificação de comportamentos (BRYANT et al,



2007). Assim, estas comunidades podem criar estratégias baseadas nos modernos princípios de marketing.

As técnicas são aplicadas pelos diferentes membros da comunidade aumentando assim, a possibilidade destas serem apropriadas ao problema e aos segmentos para os quais são dirigidas. Poderia ser considerada, por exemplo, a aplicação dos 4 p's de marketing, onde o produto seriam os benefícios, o preço o custo associado ao esforço de implementação, o local (*place*) onde o comportamento é praticado ou as informações são colocadas e a promoção a forma como as informações são distribuídas.

Poderiam ser incluídas ainda pesquisas para entender os conceitos de ameaças, medos, valores, entre outros vigentes na comunidade, além das percepções associadas às intervenções realizadas. O uso de técnicas de análise poderia sugerir formas de segmentar a população, visando um aumento da efetividade dos métodos propostos. Pesquisas de audiência poderiam avaliar a penetração das propostas, bem como pré-teste das mensagens poderia garantir sua eficiência.

Dessa forma, a PPBC poderia funcionar como uma aliada ao marketing e à comunidade, aumentando a probabilidade de sucesso de um projeto de pesquisa, no qual devem estar associados a módulos de comunicação e educação apropriados.

## **5. Considerações finais**

O método apresentado busca sanar um problema relacionado às metodologias aplicadas em estudos de problemas de comunidades específicas, ou seja, que um “estrangeiro” com habilidades técnicas, mas pouco conhecimento local determine o quê, como, quando e onde intervenções devem ser feitas a fim de minorar problemas locais. Ou seja, não se trata de definição de qual o melhor método, mas daquele que tem maior capacidade de interação com a comunidade e o seu entendimento do problema que se apresenta.

O método foca tanto no desenho da pesquisa como na definição das intervenções sugeridas, buscando aumentar as condições para uma maior eficiência (ex. auto-eficiência) e aplicação (ex. CBPM). Desta forma a comunidade pode participar da solução de um problema inicial, assim como se preparar para pesquisar e auxiliar na resolução de futuros problemas sem a intervenção externa.



## 6. Referências bibliográficas

AUGÉ, Marc. *Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Tradução de Maria Lúcia Pereira. Campinas, SP: Papirus, 1994.

BECKER, Howard S. *Métodos de pesquisa em Ciências Sociais*. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1994.

BANDURA, A. “Self-efficacy”. In V. S. Ramachaudran (Ed.), *Encyclopedia of human behavior*, Vol. 4, pp. 71-81. New York: Academic Press, 1994.

BRYANT, C. A., Brown, K. McDermott, R., Forthofer, M., Bupus, E., Calkins, S. e Zapata, L. *Community-based prevention marketing: Organizing a community for health prevention intervention*. Health Promotion Practice, April, vo. 8, n.2, pp. 154-1673, 2007.

FREIRE, Paulo. *Extensão ou comunicação?*, 12 ed. Tradução de Rosisca Darcy de Oliveira. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2002, p. 39.62.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

\_\_\_\_\_. *Da diáspora: Identidade e mediações culturais*. Org. Liv Sovik; Tradução Adelaine La Guardia et al. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

KOTLER, Philip; LEE, Nancy. *Marketing no setor público*. Porto Alegre: Bookman Companhia, 2007.

LINNAN, Laura A.; FERGUSO, Yvonne Owens, “Beauty Salons: A promising health setting as a toll to advance environmental health sciences”, Apr. 13, 2007, Disponível em: <<http://heb.sagepub.com/cgi/content/abstract/34/3/517>>.

LIMA, Cristina Maria G. de; DUPAS, Giselle; OLIVEIRA, Irma de; KAKEHASHI, Seiko. “Pesquisa etnográfica”. In: *Revista Latino-americana de enfermagem*. São Paulo: Ribeirão Preto, vol. 4, nº. 1, jan. de 2006 - p. 21-30.

MARTINO, Luís Mauro Sá. *Comunicação: troca cultural?* São Paulo: Paulus, 2005.

O’FALLON, Liam R; DEARRY, Allen. “Community-Based Participatory Research as a Tool to Advance Environmental Health Sciences”, In: *Environmental Health Perspectives*, vol. 110, Supplement 2 - p. 155-159, 2002.



OLIVEIRA, Silvio Luiz de. *Metodologia científica aplicada ao direito*. São Paulo: Cengage Learning Editores, 2002.

SANTOS, Milton. “O retorno do território”. In: SANTOS, Milton; SOUZA, Maria Adélia A. de; SILVEIRA, Maria Laura (Orgs.). *Território: globalização e fragmentação*. 3. ed. São Paulo: HUCITEC, 1996.

SODRÉ, Muniz. *Antropológica do espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede*. Petrópolis: Vozes, 2002.